

# PMDB tem disputa interna para presidir o Senado

Bancada escolhe hoje, a partir das 18 h, entre três candidatos

Anamaria Rossi  
de Brasília

Mal saiu de uma superexposição de suas divisões internas, durante a convenção nacional que elegeu o deputado Michel Temer (SP) novo presidente do partido, o PMDB se vê outra vez às voltas com disputas públicas entre seus pares. A batalha agora é para saber quem será o novo presidente do Senado — e do Poder Legislativo — na vaga que surgirá hoje, depois da renúncia de Jader Barbalho (PA).

A bancada se reúne hoje, às 18 horas, para escolher entre três candidatos: o líder Renan Calheiros (AL), José Fogaça (RS) e José Alencar (MG). O ex-presidente José Sarney (AP), que até sexta-feira era nome de consenso no PMDB, desistiu da disputa e trabalha pela candidatura de Renan Calheiros. Nenhum dos três candidatos tem, ao mesmo tempo, maioria no PMDB e apoio suficiente fora do partido. Renan é o candidato da cúpula peemedebista, mas tem inimigos declarados no núcleo fundador do PSDB, no PFL e na oposição, especialmente por ter tomado a frente na defesa de Jader Barbalho diante das denúncias de corrupção.

Fogaça é visto com simpatia pelo PFL, diz ter o apoio do Palácio do Planalto e de setores da oposição, mas não tem votos na bancada peemedebista para enfrentar Renan. José Alencar, que acabou de se eleger vice-presidente nacional do PMDB, tem bom trânsito em setores da oposição mas não aglutina, dentro do partido, forças suficientes para sagrar-se o candidato do PMDB.



José Fogaça

Há ainda um quarto nome que pode ser tirado da cartola no caso de a unificação da bancada tornar-se uma emergência: o ministro Ramez Tebet (MT), da Integração Nacional, que até poucos meses presidiu o Conselho de Ética do Senado. Tebet goza da confiança do Planalto e não ameaça nenhum dos grupos do PMDB. Os três primeiros saíram em campanha ontem. Renan acompanhou o presidente Fernando Henrique Cardoso em viagem a São José da Tapera (AL), um dos mais pobres municípios do País. Enquanto isso, Michel Temer tentava convencer o presidente do PSDB, José Aníbal, a apoiar Renan, rejeitado por boa parte dos tucanos.

Em Brasília, Alencar e Fogaça lançaram seus nomes logo cedo e começaram uma maratona de entrevistas. A estratégia de Fogaça foi mais agressiva. Cotado para disputar contra Jader Barbalho a indicação do PMDB para a presidência do

Senado, em fevereiro passado, com o apoio declarado do PFL, o senador, que na época desistiu da briga, vê agora uma boa oportunidade de entrar nela. E não descarta a possibilidade de lançar seu nome no plenário, contra outro do PMDB, “na eventualidade de uma disputa ilegítima” na bancada.

O senador chama de ilegítimo o processo que levou à escolha de Jader como o candidato do PMDB em fevereiro, “com listas de apoio colhidas em nome da liderança do partido”. “Eu cumpri a regra do jogo, e espero que todos cumpram”, diz Fogaça, que defende a escolha do candidato em votação secreta e em “ambiente de livre escolha” na bancada.

O presidente do PFL afirma que, em princípio, seu partido respeitará a proporcionalidade que dá ao PMDB o direito de eleger o presidente do Senado. “Mas é preciso que o nome escolhido tenha afinidade com o presidente Fernando Henrique, para garantir a governabilidade do país, e que tenha credibilidade, porque este é hoje o principal problema da instituição”, diz.

Bornhausen afirma que não cabe ao PFL ter preferência por este ou aquele nome, mas admite ter trabalhado para que o escolhido fosse o senador José Sarney. “Procurei Sarney na quinta-feira, porque ele representa tudo o que o Senado precisa agora. Na sexta-feira, em conversa com o presidente Fernando Henrique, obtive o apoio a Sarney. Mas, infelizmente, ele não demonstrou desejo de disputar o cargo”, conta.